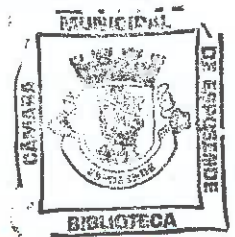




VOZ

de

ANTAS

Setembro - Outubro 2010
3ª Série - Ano XXXIV - nº 239

Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

PRATICAR O DOMINGO

1. Praticar o domingo

Não desconsiderando o possível valor subjectivo das razões que levam muitos baptizados a abandonar a participação habitual na Eucaristia de domingo, importa manter o essencial: o domingo é, por excelência, o dia do cristão, porque é o dia da ressurreição do seu Senhor, Jesus Cristo; pela mesma razão, o domingo é também o dia da Igreja; e é, por excelência, o dia da Eucaristia, na qual se faz memória e se actualiza o mistério pascal de Cristo – é a Páscoa semanal dos cristãos. Objectivamente, nenhum cristão abandona esta dimensão do domingo (celebrar o seu Senhor ressuscitado, unido à comunidade cristã, pela participação activa e comprometida na Eucaristia) sem renunciar à sua identidade e à sua fé. Por isso, praticar o domingo foi sempre, desde os primórdios do Cristianismo, a marca distintiva dos fiéis – ao ponto de muitos terem dado a vida pelo direito a fazê-lo, celebrando a Eucaristia, pois, diziam, «sem o domingo – e a Eucaristia – não podemos viver».

2. Praticar o domingo em tempo de mudança

Hoje, a vida social e profissional organiza-se segundo ritmos próprios, não raro, pouco propícios à tradicional vivência do domingo. Este pode ser dia de trabalho, de actividades desportivas, de viagens ou encontros sociais, de descanso para quem passou a noite em discotecas ou bares... Quanto aos cristãos, cabe-lhes continuar a testemunhar, em comunidade, a dimensão originária do domingo: dia para celebrar o Senhor Jesus ressuscitado, fazendo do domingo um dia de festa, respirável e diferente, um dia santo. Este será um testemunho cada vez mais necessário, embora mais difícil, à medida que a laicização das nossas sociedades se for aprofundando e as suas raízes cristãs forem sendo esquecidas, quando não combatidas. Haverá, certamente, adaptações a fazer,

cont. na página 3

Festa de Santa Tecla

Como é do conhecimento de todos, a Festa ao Emigrante coincide com as datas tradicionais da Festa de Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara, isto é, ocorre no primeiro fim de semana de Setembro, depois de os seus membros terem tentado usurpar as funções da Comissão de Festas de Santa Tecla, à revelia do Pároco, e não permitindo que a verdadeira Comissão de Festas de Santa Tecla, escolhida pelo Pároco, seu Presidente, pudesse tomar posse nem desenvolver qualquer ação para o efeito.

Como a Festa ao Emigrante é apenas de uma festa civil, de natureza pagã, e ocupa parte dos mesmos espaços, nomeadamente a Avenida de Santa Tecla, a Paróquia vê-se impossibilitada de realizar a Festa Religiosa no mesmo fim de semana e, por isso, vai realizá-la no Domingo seguinte, isto é, no dia 12 de Setembro, antecedida por uma novena de oração e pregação, em honra de Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara.

Deste modo, de segunda a sexta-feira, nos dias 6, 7, 8, 9 e 10 de Setembro celebrar-se-á Missa na Capela de Santa Tecla às 19 horas, no Sábado, Missa Vespertina de Preceito às 20 horas, e, no domingo, dia 12 de Setembro, haverá Missa Solene, às 10h30m, seguida de uma procissão, com os andores e as bandeiras Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara e o pálido... Na tarde de Domingo, a capela estará aberta para cumprimento de promessas...

Investimentos da Paróquia

Página 3

A HOMENAGEM DE S. PAIO DE ANTAS
A
ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Página 5

CELEBRAÇÕES MATRIMONIAIS

Casar Pela Igreja

O Matrimónio é um contrato que Jesus elevou à dignidade de Sacramento. Os católicos que procuram ser coerentes com a sua fé, não deverão aceitar outro casamento que não seja esse.

Aos que se dizem católicos não praticantes (não percebo como isso possa ser, mas há quem diga que sim) aconselhá-los, muito sinceramente, a não optarem pelo casamento religioso.

Ir à Igreja só porque é bonito, só porque dá pretexto para um lindo filme, só para fazer a vontade aos pais, só para enganar os vizinhos, não.

Sejamos honestos. Que um passo tão importante na vida dos dois como este é, não seja alicerçado na hipocrisia, na mentira, no sacrilégio.

O casamento religioso deve ser muito bem preparado. E prepará-lo não é, apenas tratar dos papéis.

É de recomendar que os noivos, antes do casamento, frequentem um Curso de Preparação para o Matrimónio (CPM).

O casamento deve ser precedido, também da recepção do sacramento da Reconciliação.

24 de Julho de 2010, na Capela de Nossa Senhora do Rosário, **Pedro Maria Briz Patrício Simas**, 27 anos, filho de António Francisco Guedes Patrício Simas e de Maria Teresa Trocado Gonzalez Briz Simas, com **Maria Corrêa de Oliveira Marçal Grillo**, 25 anos, filha de Alberto Augusto da Silveira Folgado Marçal Grilo e de Maria Teresa de Carvalho Sottomayor Corrêa de Oliveira Marçal Grilo, residentes em Lisboa.

1 de Agosto de 2010, na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, **Pedro Miguel da Silva Rego**, 25 anos, filho de José Manuel Crespo dos Santos Rego e de Umbelina

Goreti Abreu da Silva, com **Katia Pereira da Costa**, 23 anos, filha de Domingos Barbosa da Costa e de Maria do Sameiro Dias Pereira da Costa.

8 de Agosto de 2010, na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, **Rui Manuel Faria Ferreira**, 29 anos, filho Manuel Lopes Ferreira e de Maria Cândida Faria dos Lages Ferreira, com **Anne Emília Sautron**, 23 anos, filha de Alain Michel Piconnier e de Pascaline Yolande Sautron.

"É no lar que se aprende a viver verdadeiramente, a valorizar a vida e a saúde, a liberdade e a paz, a justiça e a verdade, o trabalho, a concórdia e o respeito. [...]"

14 de Agosto de 2010, na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, **Loic da Cunha Caseiro**, 23 anos, filho de João Carlos de Sá Caseiro e de Maria Augusta da Cunha Ferreira, com **Angélique**

Portela Ferreira, 21 anos, filha de Orlando Montalvão Ferreira e de Maria José Penteadó Portela Ferreira.

15 de Agosto de 2010, na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, **Rui Alexandre Barros da Silva**, 25 anos, filho de Luís de Jesus da Silva e de Maria Conceição Barros da Silva, com **Joana Filipa Meira Sampaio**, com 23 anos, filha de Joaquim Neiva Sampaio e de Maria dos Anjos Rodrigues Meira, residentes em S. Paio de Antas.

27 de Agosto de 2010, na Igreja Paroquial de Vila Chã, **Paulo Alexandre Saleiro Torres**, 26 anos, filho de Martinho Viana Meira Torres e de Helena da Cruz Saleiro, com **Cathy Lemos da Silva**, 27 anos, filha de Amélia da Silva e de Lúcia Neiva de Lemos Silva, residentes em Vila Chã.

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRECTOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDACÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Telefs. 253871438-965 888 508
pe.brito@sapo.pt
Gonçalo Fernandes
Telefs. 253 871 887

DEPÓSITO LEGAL
N.º 18861/84

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO - Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

DONATIVOS PARA A IGREJA

Desde a última *Voz de Antas*, recebemos os donativos seguintes para a manutenção e conservação dos bens da Igreja. A todos os beneméritos o nosso bem haja.

Nome	Morada	Euros
Anónima, pelas almas dos seus familiares e pelas Almas do Purgatório	Estrada	250,00 €
Anónima, pelas almas dos seus familiares e pelas Almas do Purgatório	Estrada	200,00 €
Capitão Manuel Rodrigues Cachada	Santarém	80,00 €
Em memória e sufrágio de Carolina Alves Dias	Belinho	250,00 €
Família de Cândido Emílio da Cruz Rolo, em sufrágio e memória da sua alma	Pereira	200,00 €
José Ferreira Rodrigues, em sufrágio das almas de seus pais e sogros	Monte	100,00 €
Anónima, em sufrágio de seus pais	Monte	100,00 €
António Neves Caramalho e Maria José, proprietários da capela de S. Cristóvão, de promessas e devoções da capela, em sufrágio de seus familiares	Guilheta	220,00 €
Anónimas, em sufrágio de seus familiares	Monte	200,00 €
A família, em memória e sufrágio da alma de Albina Alves Torres Lima	Azevedo	500,00 €
A família, em memória e sufrágio da alma de Manuel Alves Rolo e esposa Albina	Azevedo	500,00 €
Anónima	Azevedo	150,00 €

Continua no próximo número

PRATICAR O DOMINGO

cont. da 1ª pág.

como aconteceu com o alargamento do tempo celebrativo do domingo, iniciado ao cair da tarde de sábado. Não se pode é abandonar o essencial: celebrar o domingo, em Igreja, celebrando a Eucaristia.

3. Sem o domingo não podemos ser o que dizemos ser

A diminuição de cristãos que praticam o domingo vem-se acentuando nas últimas décadas. Também entre nós. Esta diminuição tem coincidido com a descristianização e secularização da nossa sociedade e com um cada vez maior desinteresse por todas as outras dimensões da fé, sejam elas relacionadas com a prática da caridade, seja com o respeito por valores morais que, para os cristãos, deveriam ser inegociáveis. Torna-se, por isso, evidente que, quando abandonamos a prática do domingo, perdemos o sentido daquilo que nos define como cristãos – afinal, se não nos alimentamos, morremos. É, por isso, de todo desejável que, enquanto ainda temos entre nós um sacerdote para celebrar connosco a Eucaristia do domingo – até mais do que uma por domingo – façamos o possível por revitalizar a prática do domingo, em todas as suas dimensões, sobretudo na dimensão eucarística. Se o não fizermos agora, dentro de alguns anos, com a falta de sacerdotes, não teremos possibilidade de o fazer. E, sem a prática do domingo, rapidamente morreremos, como cristãos.

NOVOS FILHOS DE DEUS PELO BAPTISMO

11/Julho/2010: Sofia Simões Cunha, filha de Pedro Alexandre Caseiro da Cunha e de Fernanda Maria Silva Simões. Padrinhos: João Pedro Simões Passos e de Carla Patrícia Caseiro Cunha.

31/Julho/2010: Ivan Morais Maranhão, filho de Pedro Filipe Sampaio Justo Maranhão e de Letícia de Sá Morais Maranhão. Padrinhos: Marco Esmael de Sá Morais e de Maria Maranhão Viana.

1/Agosto/2010: Joana Meira de Sá, filha de Paulo Jorge Meira Sampaio e de Paula Cristina Cunha de Sá, residentes no L. de Guilheta. Padrinhos: Rui Alexandre Barros da Silva e de Joana Filipa Meira Sampaio.

8/Agosto/2010: Sara Margarida Dias da Silva, filha de António José Simão da Silva e de Sílvia Cristina Dias Bedulho. Padrinhos: Nelson José Martins Barbosa e de Paula Cristina da Costa Cruz Dias Barbosa.

15/Agosto/2010: Lucas Rodrigues Meira, filho de Manuel Fernandes Meira e de Maria de Fátima Neiva Rodrigues Meira. Padrinhos: Marco Paulo Saleiro Pinheiro e de Maria de Lurdes da Cruz Rodrigues.

15/Agosto/2010: Luana Almeida Caramalho, filha de Joel Araújo Caramalho e de Isabel Laranjeira Almeida Caramalho. Padrinhos: Tiago Miguel Caramalho Silva e de Cláudia Laranjeira de Almeida.

15/Agosto/2010: Rafaela Figueiredo dos Santos, filha de Paulo Jorge Queirós dos Santos e de Ana Maria Moreira Figueiredo. Padrinhos: António Paulo Moreira Figueiredo e de Sónia Cristina Faria Barros Figueiredo.

22/Agosto/2010: Katelyne Amorim Araújo Moreira, filha de Ernesto João Silva Moreira e de Mónica Carina Amorim Araújo Moreira. Padrinhos: Juvenal Miguel Costa Amorim e de Lúcia Maria da Silva Moreira.

22/Agosto/2010: Manel Afonso Barros de Sá, filho de José Carlos Pereira de Sá e de Ilda Maria Ribeiro Barros de Sá. Padrinhos: Luís Filipe Ribeiro Dias e de Cristina Maria Pereira Portela.

Investimentos da Paróquia

Nos últimos meses, a Fábrica da Igreja Paroquial levou a efeito duas obras importantíssimas de arranjo paisagístico, nos adros quer de Santa Tecla quer da Igreja, num investimento superior a 6.500 contos, ou melhor, para sermos exatos, em 32.614,26 €, sem qualquer apoio do Município, quer da Junta de Freguesia quer da Câmara Municipal.



Em Santa Tecla, investimos cerca de 8.000 €, na construção de um poço, instalação de um sistema de rega automático, sementeira e plantação de relva, para além da poda e extração das árvores mortas, entretanto efetuadas. Quando a relva brasileira crescer e se prolongar, vamos ter um verdadeiro *ex libris* da nossa terra e um espaço que será o orgulho de todos os paroquianos. Assim as pessoas nos ajudem a conservá-lo...

No Adro da Igreja, por detrás do Salão Paroquial, extraímos árvores, repavimentámos e colocámos guias novas, num investimento total de quase 25.000 €, aumentando a área de estacionamento. Esta obra fazia parte do projeto da Câmara Municipal, que devia ter sido concluída a



expensas suas, como fora apresentada pelo Adjunto do Presidente da Câmara e aprovada por nós, em reunião na Câmara Municipal, mas retirada do projeto posteriormente, sem nos ter sido dada qualquer explicação.

Por tudo isto e porque são dois investimentos que excedem o orçamento regular da Paróquia, gostaríamos de abrir uma campanha de donativos específicos para estas duas obras, solicitando, desde já, o contributo de todos os paroquianos empenhados e diligentes.

Nas mãos de Deus...

Diante da morte repensamos a vida e procuramos acertá-la com o mistério da eternidade.

A morte dos outros está ao longo dos nossos caminhos. A nossa morte está no termo dos nossos caminhos.

O tempo que vai passando é sempre de aproximação ao mistério da morte e não é assim tão grande a diferença entre viver e morrer.

O ponto importante é guiar a totalidade que somos pelas palavras de S. Paulo aos Romanos:

- «Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor». (Rom.14,8).

Nas mãos de Deus...

Jorge Cerqueira de Sousa, faleceu no dia 25 de Julho de 2010, em França, com 79 anos de idade. Casado com Maria Fernandes Alves, filho de Manuel de Sousa e de Maria Rosa Cerqueira.

Descanse em paz!



Albina Alves Torres Lima, faleceu no dia 13 de Agosto de 2010, com 91 anos de idade. Filha de António Alves Rolo Violante e de Maria Conceição Vieira Torres Lima, casada com Manuel Alves Rolo.

Paz à sua alma!

Domingos Gonçalves Bedulho, nasceu a 27 de Dezembro do ano de 1923 na Freguesia de Belinho. Passou a residir em Antas após o casamento com Alzira Rodrigues Coutinho. Desta união resultaram 10 filhos: Manuel, Joaquim, Gorete, Acidália, Amélia, Lúcia, Domingos, Ana, Beatriz e Arlindo, estes dois últimos já falecidos; 17 netos e 15 bisnetos.

No seu percurso de vida esteve emigrado em França, cerca de 10 anos. Regressou depois a Portugal tendo trabalhado na Quinta Correia de Oliveira até à idade da reforma.

A sua saúde foi ficando cada vez mais debilitada e há cerca de dois anos que se encontrava acamado. Veio a falecer a 15 de Agosto, aos 86 anos de idade, no Hospital de Fão.

Homem de bem, pacato, lutador e amigo. Um exemplo para os demais!

A família agradece a todos quantos estiveram presente neste momento difícil compartilhando a sua dor. Bem haja.

Não faz sentido pensar em despedida, para nós será sempre um até breve!

Paz à sua alma!

Manuel Lourenço Faria da Cruz, nasceu a 7 de Agosto de 1929 e faleceu no dia 15 de Agosto de 2010.

Descanse em Paz!



Carolina Alves Dias, nasceu no dia 11 de Março de 1916 e faleceu no dia 24 de Julho de 2010. Esposa de Hilário Alves da Cunha (falecido à 16 anos), com quem teve 13 filhos, dos quais 4 já faleceram, 36 netos, 50 bisnetos e ainda uma tetraneta. Nasceu e casou em Antas, onde residiu com o seu marido, acabando por ir viver para Belinho com a sua família. No acolhimento do seu lar, apesar dos tempos difíceis, ela e o seu marido deram a melhor educação que puderam aos seus filhos e todas as noites, juntos, rezavam o terço. Manifestou desde muito cedo a vontade de ser sepultada na freguesia que a viu nascer, junto da sua mãe e de um dos filhos, falecido em Angola durante a vida militar. Por parte de seus filhos resta dizer que tiveram uma santa mãe que muitas saudades deixa à sua família.



Que Deus a leve para o Reino dos Céus.

Albina Alves Torres Lima

No passado dia 13 de Agosto, Albina Alves Torres Lima - mais conhecida por Albina da Conceição, faleceu no lugar de Azevedo em sua residência com 90 anos de idade.

Filha de António Alves Rolo e de Conceição Vieira Torres Lima, nasceu a 31 de Outubro no mesmo lugar onde viria a falecer. Casou com Manuel Alves Rolo - o "Manuel do Paulo", de quem se entrava viúva há alguns anos. Do seu matrimónio nasceram 11 filhos dos quais uma já partira para a eternidade, deixando 10 filhos 18 netos e 7 bisnetos.

Mulher mãe e avó exemplar sempre se preocupou com o bem-estar da sua família, uma mãe muito cuidadosa que mais tarde veio a guardar alguns dos seus netos durante a infância dos quais, dando-lhes uma educação cristã.

Que Deus lhe de o eterno descanso.

A família na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradece a todos quanto manifestaram o seu pesar neste momento de dor.



Passo a Rezar

WWW.PASSO-A-REZAR.NET

10 minutos de oração diária, em mp3, para fazer download ou subscrever podcast gratuito.

Curiosidade

10 Virtudes do preguiçoso

Viva para descansar.

Ame a sua cama, ela é o seu templo.

Se vir alguém descansado, ajude-o.

Descanse durante o dia, para poder dormir à noite.

O trabalho é sagrado, não toque nele.

Nunca faça amanhã, o que você pode fazer depois de amanhã.

Trabalhe o menos possível; o que tiver para ser feito, deixe que outra pessoa o faça.

Calma! Nunca ninguém morreu por descansar.

Quando sentir desejo de trabalhar, sente-se e espere que ele passe.

Não se esqueça: trabalho é saúde! Deixe o seu para os doentes.

A HOMENAGEM DE S. PAIO DE ANTAS À ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

EXPOSIÇÃO E PALESTRA

Como previsto, foram levadas a efeito as várias manifestações agendadas para comemorar o 50.º aniversário da morte de António Corrêa d'Oliveira.

A Junta de Freguesia, com a colaboração da

principais obras do Poeta, acompanhadas de fotografias, objectos de uso pessoal, vários desenhos de António Carneiro, pintor português, e baixos-relevos em madeira, de Belemino Ribeiro, escultor de Esposende, alusivos ao Poeta e à Casa de Belinho.

Face ao elevado número de visitantes, o espaço da

intervenção, começou por lembrar que, precisamente naquele dia, se completavam quatro anos sobre a morte de António da Cunha Sottomayor Corrêa d'Oliveira. Pediu à assistência que, de pé, em silêncio e por breves momentos, o recordasse. Feita esta comvente introdução, passou a dissertar sobre a vida e obra do homenageado, tendo o cuidado de realçar a relação que de imediato se estabeleceu com a sua terra de acolhimento e com a sua gente. Tudo começou quando, em Lisboa, conheceu a grande inspiradora de muita da sua obra, D. Maria Adelaide da Cunha Sottomayor de Abreu Gouveia. Terá sido em princípios de 1911 que se conheceram, vindo ele pela primeira vez a S. Paio de Antas, para a pedir em casamento, em fins de Julho daquele ano.

Finda a dissertação, foi convidada a subir ao palco a Sra. D. Ermelinda Pereira de Sá para declamar um poema de sua autoria, dedicada ao Poeta e a sua mulher, em que realçou a simplicidade de vida daquele saudoso

casal, a dolorosa perda de D. Maria Adelaide e a generosidade que, depois, se prolongou nos filhos.

Falaram depois o sr. vereador Rui Pereira, assinalando que "homenagear é recordar, é dar a conhecer" e lembrando que o nome de António Corrêa d'Oliveira já fora atribuído à escola dos 2.º e 3.º ciclos de Esposende e ao campo de jogos do Antas Futebol Clube; o sr. António Viana da Cruz, de seguida, agradeceu à Câmara Municipal "a colaboração e apoio prestados".

Por último, após curto intervalo, subiu ao palco o Grupo Coral da Vila de Prado, regido pelo seu director artístico Sr. José Carlos Azevedo, que deliciou a assistência com poemas de Corrêa d'Oliveira, musicados pelo nosso antigo pároco, P.e Benjamim Salgado.

Para ajuda das despesas que a Junta teve de suportar, foi posto à venda, pela módica quantia de 5,00 euros, o opúsculo "António Corrêa d'Oliveira



Câmara Municipal de Esposende, Biblioteca Municipal, Família Corrêa d'Oliveira, Comissão Fabricqueira e Jovens em Caminhada, preparou a exposição bibliográfica no salão do Centro Paroquial. Tendo sido anunciada a abertura da mostra para o princípio da noite do dia 23 de Julho, começaram a chegar bem cedo ao largo em frente muitas pessoas que depois se aglomeraram no átrio do edifício.

O Sr. Dr. Rui Cavalheiro, da Câmara Municipal, deu as boas-vindas aos presentes, seguindo-se de imediato a visita à exposição, explicada pormenorizadamente pelo Sr. Raul Saleiro. Estavam expostas, por ordem cronológica, todas as

exposição mostrou-se de reduzidas proporções, mas logo foram convidados a ocuparem os seus lugares nas cadeiras do amplo salão. Seguidamente foram chamados ao palco, onde se destacava um retrato do Poeta, aos 30 anos, do pintor lisboeta José Campas, os senhores: vereador prof. Rui Pereira, em representação do presidente da Câmara; dr. Manuel Fernando Arezes, presidente da Assembleia Municipal; Baltazar Costa, presidente da Assembleia de Freguesia; António Cruz, presidente da Junta; P. Manuel Brito, reitor de S. Paio de Antas; dr. António Nuno Corrêa d'Oliveira, em nome da Família do Poeta; e Raul Saleiro, encarregado da palestra.

Raul Saleiro, ao iniciar a sua



– Do mar à serra, entre os dois, a terra dos nossos pais". Da autoria de Raul de Azevedo Saleiro, é uma obra profusamente ilustrada com fotografias adequadas ao texto e gravuras de António Carneiro, elaboradas em Antas por 1915. Será, também, mais uma contribuição para que



nós, lendo os poemas do Poeta que dizem respeito à nossa freguesia, nos entusiasmesmos com a sua obra.

INAUGURAÇÃO E BENÇÃO DO MONUMENTO

No dia 25 de Julho, domingo, às 11 horas, foi celebrada a Eucaristia na capela de Nossa Senhora do Rosário, pelo rev. Domingos Sampaio Viana que à homilia, baseado nas leituras anteriores, recordou ser a obra de António Corrêa d'Oliveira, toda ela, uma oração. O Grupo Coral Infantil abrilhantou muito

a cerimónia. O espaço em frente à capela estava repleto de fiéis.

Finda a santa missa deslocou-se todo o povo até ao local onde se ergue o monumento, a sul da capela de N. S. dos Remédios e no início da rua António Corrêa d'Oliveira. É obra dos escul-

tores Mendanha (José, Vânia e Nuno), de Forjães, que de forma feliz reconstituíram a imagem do Poeta. Sendo por demais conhecidos os bustos oportunamente inaugurados em S. Pedro do Sul e em Esposende, em que a figura do Poeta é retratada em idade avançada, optaram os escultores, felizmente, em representá-lo aos 33 anos, na idade em que veio para o nosso meio.

Aí, sob um sol escaldante e sob um forte aplauso do público que ladeava o monumento nas duas ruas convergentes, pela vereadora da Câmara D. Jaqueline

Areias, pelo presidente da Junta António Cruz, e pelo representante da Família Dr. António Nuno Corrêa d'Oliveira, foi descerrado o monumento.

Seguidamente, o Sr. P.e Manuel Domingos Sampaio Viana procedeu à benção, cerimónia participada religiosamente pelos presentes.

D. Jaqueline Areias frisou, na sua intervenção, que "foi com grande agrado que a Câmara Municipal se associou a esta homenagem edificando o monumento". António Cruz pôs em relevo a justiça que agora se fazia ao Poeta, e agradeceu a participação da Câmara. Rematou os discursos da inauguração o Dr. António Nuno Corrêa d'Oliveira, com um sentido discurso de agradecimento à freguesia pela iniciativa e concretização da homenagem. Todos os discursos foram muito aplaudidos.

Então, toda a assistência se abeirou do monumento para o admirar de perto, fotografar e ler as duas quadras que acompanham a figura do Poeta e que aqui se reproduzem:

Chora a fraga, o veio corre,
E lá vai, de monte em monte;
Se nem sempre a fonte é rio,
Jamais há rio sem fonte.
Ó meus filhos, vossas almas
São fios de água a cantar:
Ser bom, na terra, é ser fonte;
Chegar a Deus... é ser mar.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RECREATIVAS

Não ficaram por aqui as comemorações.

No dia 30, na Casa da Música, houve um exelente concerto pelos jovens que formam a Orquestra de Sopros da Escola da Banda, cujas peças foram intercaladas por poesias de António

Corrêa d'Oliveira, declamadas pelos pequenitos das escolas EB1 de Azevedo e Guilheta. Pela professora D. Augusta Almeida foram ao mesmo tempo projectadas imagens e o texto declamado. De realçar o cuidado do maestro Sr. Valdemar Sequeira em adequar os trechos musicais ao tema das poesias recitadas pelos pequenos artistas, que deram o melhor de si, sendo muito aplaudidas as estrofes do conhecido poema "A Preguiça".

Não foi também esquecido que nesse dia se perfaziam 132 anos sobre a data do nascimento de António Corrêa d'Oliveira.

Prosseguiram as Jornadas Culturais de Antas 2010 com um passeio pedestre pelos "Caminhos do Poeta", promovido pela Associação Rio Neiva, e que foi muito participado. Foi feito o repovoamento de centenas de exemplares de várias espécies cinegéticas. O longo caminho percorrido, com início na escola de Azevedo, passando por Redondas, Carvalha, margem do rio Neiva até Santa Tecla, campo de Futebol, estrada velha (Romana) e monumento ao Poeta, não permitiu que em tempo útil se fizesse o percurso na Quinta de Belinho. Dado o adiantado da hora, fez-se uma breve pausa no terreiro em frente à Capela do Rosário, seguindo os caminhantes através do monte da Cidade para a Escola EB1 de Azevedo, onde tinham iniciado o percurso e onde se despediram. Foram lembrados, em muitos locais do percurso, a sua relação com a Casa de Celinho e vários incidentes



que marcaram a história da nossa terra

Por fim, nos dias 31 de Julho e 1 de Agosto, o Clube da Caça e Pesca de Antas, a quem se deve o repovoamento



das espécies cinegéticas, promoveu, no Campo de Tiro, um torneio de tiro aos pratos.

Assim se completaram as Jornadas Culturais que, este ano, tiveram o patrocínio do Poeta António Corrêa d'Oliveira.

A freguesia de Antas, muito elogiada por prestar esta justa homenagem ao "Senhor Poeta", cumpriu, simplesmente, o seu dever.

O "SENHOR POETA"

Palestra por Raul Saleiro

Minhas senhoras, meus senhores,

Começo por dizer que não devia ser eu a pronunciar esta dissertação sobre o poeta António Corrêa d'Oliveira. Outras pessoas, algumas das quais aqui presentes, com outras e maiores capacidades intelectuais e oratórias, seriam as indicadas para o fazer, com o brilho e a dignidade que o Poeta merece. A outros competia, ou porque com ele

privaram ou porque a afinidade e intimidade que com ele mantiveram, lhes deram uma melhor perspectiva da sua vida e obra.

Contudo, aceitei fazê-lo

por me terem convencido de que, para falar do "Senhor Poeta" à gente da minha aldeia, seria um conterrâneo a pessoa indicada.

Confesso o meu interesse pela sua poesia desde os bancos da escola. Reconheço, porém, a minha incompetência para fazer uma análise, ainda que superficial, da sua vasta obra. Ele próprio, António Corrêa d'Oliveira, convidado a fazer a abertura a um livro sobre a lírica de António Feijó, escreveu que "**para comentar criticamente um poeta, forçoso é ser-se poeta**". Seria, pois, estultícia da minha parte atrever-me a tanto.

Compreendam, pois, que esta minha apreciação se dedique menos ao Poeta e mais ao Homem, isto é, menos à obra literária e mais à gloriosa vida daquele que nesta nossa terra viveu cinquenta anos e que há cinquenta anos nos deixou.

Não vou enumerar os cerca de 90 títulos colhidos da sua obra publicada, entre livros, opúsculos ou simples folhetos. E não incluo neste número poemas dispersos

em jornais e revistas, que o Poeta compôs para os mais diversos eventos, como homenagens, comemorações, festas de beneficência, etc.

Vamos, pois, ao Homem, ao homem-bom que quis ser nosso vizinho.

A vinda de António Corrêa d'Oliveira para S. Paio de Antas e a sua permanência entre nós, são, por si só, uma honra de que nos orgulhamos. Sabemos que tal honra a devemos à nossa nunca esquecida conterrânea D. Maria Adelaide da Cunha Sottomayor. Foi ela quem o trouxe para nós. Maior honra é, contudo, que o Poeta se nos tenha afeiçoado a ponto de também nos distinguir com a sua amizade, quantas vezes com o seu amparo e, até, com a sua poesia.

É na próxima sexta-feira, 30 de Julho, que se completarão 132 anos que na graciosa vila beirã de S. Pedro do Sul nasceu o menino António, filho de D. Joaquina Augusta de Figueiredo Almeida Corrêa e do deputado às Cortes Dr. José Corrêa d'Oliveira.

Consta que, por influência de seu tio materno, abade de Castro Daire, foi matriculado no Seminário de Viseu. Viria a abandonar os estudos, talvez por ter ficado órfão de pai aos 12 anos. Ele mesmo no-lo disse no seu livro **ALÍVIO DE TRISTES**:

Quando meu Pai partiu, quando abalou

De ao pé da gente, e nos deixou tão sós,

Pois só por ele é que Jesus chamou,

(Teria eu doze anos) ainda nós,

Mais felizes, vivíamos, então,

Na casa de seus Pais, de meus Avós.

Cedo se revelou a sua

veia poética. Quando em 1894 a Rainha Senhora D. Amélia se deslocou às Termas de S. Pedro do Sul, teria ele 16 anos, atreveu-se, acompanhado de seu irmão João, dois anos mais novo, a entregar-lhe pessoalmente uns versos.

Senhora e Mãe! Nas nossas almas rudes

Lágrimas se enlaçam, e as trazem bordadas

Quais flores de espuma a água dos açudes...

Qual meu balcão, à luz das madrugadas,

Com rouxinóis a rir, e com martírios

Azuis, cor dos céus – brancos, cor dos lírios!

Azul e branco, as cores da Monarquia que sempre venerou em toda a sua vida e sempre honrou em toda a sua obra.

Quando estes versos foram publicados no jornal "O Comércio de Viseu", em 2 de Julho de 1896, tinha ainda 17 anos. E logo concebeu o seu primeiro livro, **LADAINHA**, impresso em Janeiro de 1897, que dedicou à Mãe, às 4 irmãs, aos 2 irmãos e ao cunhado Álvaro de Freitas.

Os elogios do consagrado escritor Trindade Coelho incentivaram-no a prosseguir.

Logo lhe dedicou o livro seguinte, **EIRADAS**, de 1899. Em 1900 publicou o **AUTO DO FIM DO DIA**, cujas primeiras quadras não resisto a declamar:

Minha terra, quem me dera

Ser humilde lavrador.

Ter o pão de cada dia,

Ter a graça do Senhor:

Cavar-te por minhas mãos

Com caridade e amor.

Minha terra, quem me dera

Ser um Poeta afamado.
Ter a sina de Camões,
Andar nas naus embarcado:

Mostrar às outras nações

Portugal alevantado.

Foi, talvez, por apenas ter conseguido alcançar o segundo objectivo, o de ser Poeta afamado, que mais tarde abandonou a cosmopolita cidade de Lisboa e se veio refugiar junto dos humildes lavradores de S. Paio de Antas.

Também admitia vir a ser emigrante, marinheiro ou soldado. O que neste poema não idealizara era ser escriturário ou contabilista. Porém, foram estes os empregos que conseguiu na juventude. Empregos efémeros e de sofrível remuneração, difíceis de compatibilizar com a sua sensibilidade poética. Apesar disso, publicou em 1901 o já mencionado **ALÍVIO DE TRISTES**, e, nos dois anos seguintes, **RIMANCE DO BERÇO**, **CANTIGAS** e **RAIZ**, este dedicado a D. Maria Amália Vaz de Carvalho, a primeira mulher a ser admitida como sócia da Academia de Ciências de Lisboa, e mentora do jovem Poeta.

Mercê das elogiosas críticas à sua poesia, Corrêa d'Oliveira viu abrirem-se-lhe as portas das tertúlias intelectuais da capital. A colaboração na revista "A Águia", do Porto, propiciou-lhe o contacto e até a amizade de outros escritores e artistas do norte do país, como D. Carolina Michaëlis, Teixeira de Pascoaes, António Carneiro, Jaime Cortesão, Raul Brandão e muitos outros.

Foi então, em 1903, que o Poeta adoeceu grave-

mente e lhe recomendaram tratamento no estrangeiro. A Rainha Senhora D. Amélia, sabedora das dificuldades financeiras do já consagrado Poeta, proporcionou-lhe uma estadia em Pau, nos Pirinéus franceses. Revigorado, regressou a Lisboa para publicar o livro **ARA**, que reconhecidamente dedicou à Rainha. Ainda em 1904 veio à luz **AUTO DE JUNHO**, em 1905 **PARÁBOLAS**, e em 1907 **TENTAÇÕES DE SAM FREI GIL**, este dedicado a sua Mãe.

Como consequência dos êxitos literários, o nome de António Corrêa d'Oliveira passou a ser admirado pelo público e respeitado pelos outros intelectuais, quer de Portugal quer do Brasil. As edições, pequenas dadas as magras posses do Poeta, esgotavam-se rapidamente. Chegou, então, o primeiro reconhecimento do seu valor: Em 1908 foi nomeado sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, e, para sua surpresa, no ano seguinte, a Academia Brasileira de Letras elegeu-o um dos vinte sócios estrangeiros, cabendo-lhe o lugar do falecido escritor francês Émile Zola.

Outras obras vieram à luz do dia: **O PINHEIRO EXILADO** em 1908; **ELOGIO DOS SENTIDOS**, que dedicou a seu irmão João, em 1909, e **ALMA RELIGIOSA** em 1910.

O assassinio de El-Rei D. Carlos e a posterior proclamação da República abalaram-no profundamente. Para agravar a situação foi afastado, "por economia", do lugar de amanuense na Procuradoria-Geral da Coroa e Fazenda onde ganhava magro salário. Desalentado,

pensou emigrar para o Brasil, onde já era tão apreciado. Disso o dissuadiu outro poeta, por sinal republicano, Abílio Guerra Junqueiro, que lhe disse: *Acima das suas crenças políticas está o seu nome, a sua glória que glória é da Pátria e de todos nós.* E mais: *As montanhas não emigram e você é um píncaro da Pátria!* Guerra Junqueiro ainda tentou conseguir-lhe o lugar de director da Biblioteca Nacional mas sem êxito. Amargurado, o Poeta não via senão nuvens negras no seu fuuro!

Foi então que a vida de Corrêa d'Oliveira ganhou um novo alento ao ver, em Lisboa, D. Maria Adelaide que ali se encontrava de visita. Logo o seu coração ficou em sobressalto:

— De onde vem Ela? — perguntava, ansiosa,

Minha alma ao meu olhar: e o meu olhar

Interrogava, em roda, a luz e o ar

E o sonho abrindo em pétalas de rosa.

Estava enamorado! D. Maria Adelaide regressou à casa paterna em fins de Maio de 1911, deixando-o na capital ansioso por vir pedi-la em casamento, o que viria a ocorrer em fins de Julho desse mesmo ano.

Ainda que a noiva lhe tenha feito uma descrição do solar e da área envolvente, fácil é de supor que terá sido para ele uma agradável surpresa quando pela primeira vez transpôs os portões da Quinta. Veio encontrar o sítio ideal para dar largas à sua inspiração.

Instalou-se em Esposende, donde vinha diariamente almoçar na Casa de Belinho, e foi na pequena vila que, em Novembro de 1911, na oficina gráfica do Jornal "O

Esposendense" publicou a primeira edição do livro **DIZERES DO POVO**. Dedicou-o à noiva, a sua sempre Maria. Foi, pois, o primeiro livro que escreveu entre nós, ainda solteiro.

O casamento realizou-se a 25 de Maio de 1912 nesta igreja de S. Paio de Antas. Ele mesmo o recordava mais tarde, já viúvo, em **SAUDADE NOSSA**:

Na igreja de Antas, onde eu entro e saio

Louvando a hora de alta fortaleza,

Na qual à tua vida ficou presa

Minha vida de névoa e de desmaio;

Foi então que o povo de Antas passou a ter consigo "o Senhor Poeta". Logo ele começou a gostar de nós, mesmo antes de nós verdadeiramente o conhecermos. Tanto que no livro **OS TEUS SONETOS**, que depois dedicou à esposa, assim se nos refere:

Que boa a gente destes arredores!

Como te querem! Que respeito amigo!

Inda hoje em dia são para contigo

O que outros foram para os teus Maiores.

Quando tu passas, velhos lavradores

Levantam-se, saúdam... e consigo

Recompôr na memória um quadro antigo:

Bom Povo, lindas Donas e Senhores.

Na tua casa, cheia de braços,

As andorinhas contam gerações!

A fonte, já de fontes descendia!

Sombras do tempo, onde o passado esvoaça...

Só tu, filha da nobre e antiga Raça,

És moça e simples, como a luz do dia!

Ao mesmo tempo que D. Maria Adelaide sentia crescer em seu ventre o primeiro filho, também o Poeta concebia novos livros: **ROMARIAS** veio a público ainda em 1912, e no ano seguinte **A CRIAÇÃO-VIDA E HISTÓRIA DA ÁRVORE** que logo adaptou para as crianças sob o título **A ALMA DAS ÁRVORES**.

Nunca me esquecerei deste conselho que li no meu livro da antiga 4.^a classe:

Ouve, meu Filho: cheio de carinho,

Ama as Árvores, ama. E se puderes,

(E poderás, tu podes quanto queres!)

Vai-as plantando à beira do caminho.

Hoje uma, outra amanhã, devagarinho,

Serão em fruto e em flor quando cresceres.

Façam os outros como tu fizeres:

Aves de Abril que vão compondo o ninho.

Torne fecunda e bela, cada qual,

A terra em que nascer: e Portugal

Será fecundo e belo, e o mundo inteiro.

Fortes e unidos, trabalhai assim...

A Pátria não é mais do que um jardim

Onde nós todos temos um canteiro.

Foi em Março desse ano que nasceu o primeiro filho, Manuel. Infelizmente, faleceu 9 meses depois. Emocionado com a perda do filhinho e com a dor de sua esposa, logo fez publicar **MENINO**, amorosa ode à infância, e **OS TEUS SONETOS**, um livro de

amor a D. Maria Adelaide.

E diga a gente "Os Teus Sonetos", diga.

E tu dirás, só tu (ó doce Amiga),

Apertando-os ao seio: "Os Meus Sonetos..."

Seguiram-se os dez livros da colectânea **A MINHA TERRA**. É evidente que o título "A Minha Terra" visa todo o Portugal. Porém muito desta terra de S. Paio de Antas e da sua gente serviu para o poetizar e ilustrar.

Foi na Casa de Belinho, espriando os olhos pela vasta campina que se estende entre o mar e o monte, que escreveu esta obra. Só muito raramente, e a custo, abandonava a protecção, não dos altos muros da Quinta mas sim do ambiente acolhedor, do silêncio criador e da natureza palpitante de vida que tanto o inspirava.

Por isso lhe chamaram "o Monge de Belinho".

Não saía ele de casa mas vinham os amigos ter com ele. Um deles era António Carneiro, pintor, natural de Amarante. A amizade pelo Poeta já vinha de 1907, pelo menos, quando ilustrou as capas de **TENTAÇÕES DE SAM FREI GIL** e de **O PINHEIRO EXILADO**. António Carneiro, nos retratos que pintava, nem sempre se preocupava em reproduzir ao pormenor a fisionomia dos modelos. Expressava antes atitudes e sentimentos pelo que era considerado um "pintor de almas". Em S. Paio de Antas se inspirou, nas pessoas e nos sítios, para ilustrar os dez livros da colectânea **A MINHA TERRA**.

Foi por isso, caros conterrâneos, e porque me dói o esquecimento a que António Corrêa d'Oliveira tem sido

votado, que me propuz trazer ao vosso conhecimento, através da publicação patrocinada pela Junta de Freguesia, alguns dos poemas de António Corrêa de Oliveira acompanhados dos desenhos de António Carneiro. Não é de admirar que, quer uns quer outros, não sejam conhecidos da quase totalidade da gente desta freguesia. Pois, se os livros foram publicados já lá vão quase 100 anos e estão esgotados desde então! Além de que, por esse tempo, quantos homens desta terra, e sobretudo quantas mulheres, sabiam ler? E desses, quantos tinham acesso a livros?

Foi por essa altura que eclodiu a Primeira Grande Guerra Mundial. A entrada de Portugal no conflito gerou polémica mas, decidida que foi, o Poeta não hesitou em incitar os que para ela foram mobilizados em **SOLDADO QUE VAIS À GUERRA**.

Foi precisamente em plena guerra que António Corrêa d'Oliveira, curioso com os vestígios que via nas chamadas "Casas dos Mouros", restos de uma citânia no alto do monte da Cividade, aqui ao lado, mandou pô-los a descoberto. Foram encontradas mós, seixos gravados e várias peças de cerâmica, algumas ornamentadas, e uma fíbula de bronze. Veio mais tarde, por 1924, o célebre arqueólogo Professor José Leite de Vasconcelos recolher algumas das peças que confiou ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Não posso deixar passar esta fase da vida do Poeta sem voltar a recordar aquelas a quem os nossos pais e avós respeitadamente chamavam "As Fidalgas da Quinta",

D. Maria Adelaide e sua irmã D. Maria Cândida. No Outono desse trágico ano de 1918 chegou até nós a epidemia da gripe que ficou conhecida por "Pneumónica" e que, diz-se, matou em toda a Europa mais gente do que a Grande Guerra. Eram elas que, sem medo a contágios, se deslocavam à cabeceira dos doentes, principalmente dos mais pobres, a administrar-lhes os medicamentos e a deixar comida. Este exemplo de abnegação de tão ilustres senhoras não poderá nunca deixar de ser louvado e lembrado às novas gerações.

Terminada a Primeira Grande Guerra, começou em Portugal um clima de ainda maior instabilidade política e social, o que sugeriu ao Poeta a publicação, de 1920 a 1927, de uma nova série de 8 livros sob o título geral de **NA HORA INCERTA OU A NOSSA PÁTRIA**.

Ainda de 1920 é **PÃO-NOSSO, ALEGRE VINHO, AZEITE DA CANDEIA**, com ilustrações de António Carneiro. Em Março de 1921, quando o coração do Poeta rejubilava com o nascimento do filho José Gonçalo, chegou à Casa de Belinho a triste nova da morte de D. Maria Amália Vaz de Carvalho, por cujo intermédio o Poeta fora apresentado a D. Maria Adelaide e a quem já homenageara em 1918 com o livrinho **ESTAS MAL NOTADAS REGRAS**.

Mas o bulício e a alegria logo voltaram à Casa de Belinho com a vinda do filho António, em Março de 1923. O Poeta estava feliz:

Meus filhos (meu sonho lindo!)

Os que são, e forem vindo,

Sejam vivas esculturas
Onde se avivente a imagem

Do seu Deus, nesta romagem

Da terra à paz das Alturas.

Também por essa ocasião se reforçaram os laços familiares pelo casamento do irmão João, já consagrado dramaturgo, com sua cunhada D. Maria Cândida.

Mas o Poeta voltou a adoecer e foi de novo em Pau, França, para onde partiu em Dezembro de 1924, que recuperou a saúde. Regressou em Maio de 1925 e, no ano seguinte, publicou **VERBO SER E VERBO AMAR**, mais um livro que dedicou à memória da grande amiga D. Maria Amália Vaz de Carvalho.

O ano de 1928 ficou marcado pelo falecimento da mãe do Poeta, já velhinha, e que há 8 anos o acompanhava na Casa de Belinho.

Em 1929 saiu **TERESINHA** e, no ano seguinte, **CARTAS EM VERSO**. De 1932 é o livro **JOB**. Por essa altura, Corrêa d'Oliveira e D. Maria Adelaide foram confrontados com a necessidade de prosseguir com a instrução secundária de seus filhos, que não queriam ver afastados de casa em tão tenra idade. Terá sido ela a propor ao marido o aproveitamento das óptimas condições da sua Casa e Quinta para aí instalar um colégio que lhes garantisse a qualidade do ensino que não viam existir por perto. De

bom grado, o Poeta anuiu. Diria em entrevista ao "Diário de Notícias" que **a ideia dessa fundação nasceu das mãos erguidas de minha mulher**.

Foi na década de 1930, em que o Colégio de Belinho manteve as suas portas abertas a centenas de jovens, que Corrêa d'Oliveira recebeu o maior número de homenagens da juventude académica, sucessos importantes na sua vida de poeta.

Tudo começou em Coimbra com a homenagem que a 23 de Maio de 1930 lhe prestou a Associação dos Estudantes de Letras da Universidade, que, por aclamação, lhe concedeu o título de "Quintanista Perpétuo de Letras". A emoção foi tanta que não lhe permitiu ler o discurso de agradecimento que tinha preparado.

Ao regressar a casa no dia 28, acompanhado da mulher e dos filhos, foi surpreendido com a recepção que o povo de Antas lhe fez. Noticiou o jornal "O Espozendense": *"Uma banda de música, grande massa de povo e as crianças das escolas locais receberam festivamente o insigne vate, no meio do maior regozijo.*

Vieram depois os estudantes de Braga homenagear o Poeta à sua própria casa a 24 de Maio de 1931, onde, segundo "O Cávado", outro jornal de Espozende, *eram aguardados pela banda dos Bombeiros Voluntários desta vila e por muito povo.*

O mesmo aconteceu a 26 de Maio de 1932, quando os estudantes dos liceus com alguns intelectuais e jornalistas, vieram entregar-lhe uma mensagem de saudação.

Em Maio de 1933, tendo o Poeta ido a Lisboa fazer uma conferência literária no

dia 28, quando regressou a S. Paio de Antas, referiu "O Espozendense" que *o povo daquela freguesia fez-lhe uma grande recepção à sua chegada, com música, foguetes e discursos de boas-vindas, o que sensibilizou muito o ilustre escritor.*

Em consequência do contacto diário com os estudantes do Colégio de Belinho, cujo lema era "ensinar para aprender – aprender para ensinar", apareceu em 1936 **ROTEIRO DE GENTE MOÇA**. É um manancial de bons conselhos e preciosos ensinamentos para os jovens. O Poeta convidava-os a rodearem-no e a ouvirem-no:

Filhos, vinde! Fazei roda:

Ouvireis os meus conselhos.

Ensinar os que são moços,

Eis a alegria dos velhos.

Os velhos trazem um livro,

A sangue escrito, em seu peito;

Sabem o bem que fizeram...

E o que deviam ter feito!

Foi também neste período, em que o Colégio esteve em actividade, que ocorreram dois momentos altos na vida do Poeta.

O primeiro, em 1933, quando ele, e pela primeira vez um português, foi indigitado para o prémio Nobel da Literatura. Seguiram-se 15 nomeações, o maior número de qualquer português àquele prémio. A chilena Gabriela Mistral, vencedora do Nobel em 1945, declarou, no acto solene em que lhe foi entregue, que devia ter sido atribuído a Corrêa d'Oliveira.

O outro aconteceu em 1937, quando, a convite da comunidade lusa no Rio de Janeiro, o Poeta se deslocou

ao Brasil, acompanhado de D. Maria Adelaide, para presidir às comemorações do dia 10 de Junho. Foi recebido com entusiasmo na então capital do Brasil, em S. Paulo e em Santos. Regressou à sua casa no dia 19 de Julho tendo sido apoteoticamente saudado em Espozende, aplaudido na passagem em Belinho e carinhosamente acolhido na chegada a Antas. Dizia "O Espozendense" que *da estrada para sua casa, flores e arcos triunfais davam um aspecto empolgante. A banda de música soltava os primeiros acordes, as palmas e os vivas ouviam-se freneticamente e os foguetes estalando fortemente anunciavam que o Santo Poeta se aproximava do seu claustro onde tantas maravilhas tem escrito. Discursos, novas palmas, alegria, tudo contribuiu para um esplendor que raras vezes tem similares.* Refiro, apenas por curiosidade, que as árvores que bordejam o largo em frente aos portões de entrada, foram nesse dia plantadas pelas crianças da escola.

Era sempre assim: se o Poeta saía da terra, havia festa quando regressava...

Quando chegou 1940, o "Ano dos Centenários", surgiram três livros: **HISTÓRIA PEQUENINA DE PORTUGAL GIGANTE**, **MISSÃO DE PORTUGAL** e **MOCIDADE**. Em Antas, como em todas as terras, houve festa comemorativa do duplo centenário: Fundação de Portugal (1140) e Restauração (1640). A festa, em Antas, foi a 2 de Junho e o Poeta, com a sua família, participou activamente com um discurso

dirigido às crianças e que começava assim:

Juventudes, lusitos, filhos pequenos desta boa terra de S. Paio d'Antas...

Terra tão doce que não quer ser mais doce: não venham sobre ela as abelhas do mundo inteiro e não se desfaça em mel o que, por castigo e misericórdia, preciso é para o pão de cada dia, às vezes bem duro e amargo, louvado seja o Senhor! Doce e linda terra, na verdade: na verde verdade dos montes e das fontes que são as primeiras verdades que Deus criou. Tão linda, a nossa terra linda, que a própria Formosura anda por aí, vestida de sol ou enchapelada de sombra, a sorrir-nos de todos os recantos; a correr valados carregada de papoilas e malmequeres; a saltar muros sobraçando heras e madressilvas como antigamente, ou, como é mais apurada moda de agora, rositas de tocar que lembram amêndoas coloridas, confeitos vermelhos no açúcar vivo da cal.

Quem se atreve a dizer que o Poeta discursou em prosa?

Já por essa altura tinha encerrado o Colégio de Belinho. Para tal muito terá contribuído a grave doença de D. Maria Adelaide. Em 1942, o Poeta terminara um livro que, dizia ela, muito desejava "ver a correr mundo". Não foi a tempo de ser publicado. D. Maria Adelaide viria a falecer em Lisboa, no Hospital de Santa Marta, antes da meia-noite de 4 para 5 de Fevereiro de 1943. Só no ano seguinte apareceu o tão ansiado **ELOGIO DA MONARQUIA** com

esta dedicatória: **FILHOS: À SUAVÍSSIMA, AUGUSTA MEMÓRIA DA VOSSAMÃE. Este poema ainda Ela o amou. Publicando-o, obedeço a um mandamento. – «Estou mortinha por o ver a correr mundo» ... – E estava mortinha, estava (alma pronta a correr céu)...**

Mergulhado na dor mas inspirado na imagem sempre presentada de D. Maria Adelaide, o Poeta remeteu aos amigos **SAUDADE NOSSA**. A perda da inspiradora de muita da sua obra não podia deixar de o afectar. Ainda publicou **REDONDILHAS**, livro que compôs em 1947 para comemorar os 50 anos de vida literária.

Em Outubro de 1949 veio paroquiar S. Paio de Antas o P. Benjamim Salgado, já celebrado musicógrafo. Admirador da poesia de Corrêa d'Oliveira, logo com ele estabeleceu uma forte amizade do que resultou terem sido musicados muitos dos seus poemas.

Foi então que, em Abril de 1950, por "excepção única e graça especial", a Imagem Peregrina de Fátima, a caminho de Viana do Castelo, veio à capela da Senhora do Rosário, à igreja paroquial e à Quinta de Belinho. Mandou o Poeta publicar os opúsculos, **PEREGRINA DO MILAGRE, SENHORA NOSSA e QUANDO A SENHORA VOLTOU**.

A instauração do escutismo em Antas, e no concelho de Esposende, promovida pelo P. Benjamim Salgado, não podia deixar de ter o seu incondicional apoio. Na festa de Santa Tecla, do Ano Santo de 1950, foi Corrêa de Oliveira apadrinhar, com sua cunhada D. Maria Cândida, o Grupo n.º 14 – denominado "S. Paio". Pelo apoio que

deu a tão meritória instituição juvenil, foi no ano seguinte agraciado com a Cruz de Agradecimento, prata, pela direcção do Corpo Nacional de Escutas.

Quando em 1951 a Imagem de Fátima, "Peregrina do Minho", visitou as sedes dos concelhos da diocese de Braga, Esposende recebeu a Imagem em 2 e 3 de Setembro. Com letra de Corrêa d'Oliveira e música de Benjamim Salgado circularam: **A VIRGEM PEREGRINA e SALVE, RAINHA OU QUATRO CÂNTICOS EM HONRA DE NOSSA SENHORA**.

Na sequência destas peregrinações marianas, surgiu a última grande obra do Poeta, **AZINHEIRA EM FLOR**, publicada em 1954. *E um conjunto de poemas ligados entre si, como rama-gem da mesma árvore, pelo fio e seiva do mesmo assunto central, que é o mistério e milagre de Fátima, no dizer do P. Benjamim Salgado.*

Muitos outros opúsculos e folhetos, sempre compostos graciosamente e editados a favor de instituições de caridade e beneficência, foram pelo Poeta concebidos entre as edições das principais obras.

Aculminar uma tão notável vida dedicada à Poesia, ao Amor e ao Bem, foram-lhe promovidas Homenagens Nacionais em 1955. Iniciadas a 17 de Julho em S. Pedro do Sul, viriam terminar em Antas e em Esposende a 30, dia do seu 77.º aniversário.

Já em anterior sessão da Câmara Municipal de Esposende, propusera o seu presidente, Costa Leme, que a António Corrêa d'Oliveira fosse conferido o título de Cidadão Honorário de Esposende e se lhe atribuisse a Medalha de Ouro

do Município. Aclamada esta proposta, logo se decidiu que a vereação fosse a S. Pedro do Sul, no dia do início das Homenagens Nacionais, depositar um ramo de flores junto do monumento ao Poeta "como simbólico e fraternal abraço de Esposende a S. Pedro do Sul". Por dificuldade física, aí não pôde ir o Poeta. Foi representado pelo filho António e pelo irmão João. O filho José Gonçalves, em carta ao Presidente da Câmara de S. Pedro do Sul, lamentava a ausência, forçada por deveres de Estado. Com efeito, tinha sido recentemente nomeado Subsecretário de Estado do Orçamento e nesse mesmo dia partia em serviço para o estrangeiro.

Chegou o glorioso dia de 30 de Julho. As crianças das escolas do concelho, concentradas no jardim da Casa de Belinho, aclamaram o Poeta até que ele, emocionado, surgiu à porta para agradecer. Acompanhada de vigorosas palmas, a neta menina D. Maria Adelaide descerrou uma lápide junto à porta principal da casa, com os dizeres: **A ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA, GLORIOSO POETA DA RAÇA, A CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE NAS HOMENAGENS NACIONAIS. 30-VII-1955**. Em seguida a uma saudação do presidente da Câmara, o Poeta agradeceu com a voz embargada pela comoção.

De tarde, altas individualidades, entre as quais o Sr. Arcebispo Primaz e os Srs. ministros do Interior e das Obras Públicas, vieram cumprimentar o Poeta a sua casa e acompanhá-lo

até Esposende onde se procedeu à inauguração do seu busto. O descerramento, por sua cunhada D. Maria Cândida, foi precedido da declamação, pelo filho José Gonçalo, de uns versos expressamente escritos pelo Poeta para aquela ocasião.

Última presença pública de Corrêa d'Oliveira ocorreu ainda em Esposende, a 6 de Maio de 1956, quando aí, sob a sua presidência, se reuniu o *Estúdio de Escritores e Artistas* do Distrito de Braga que, com a designação de *Convívium*, congregava muitos dos intelectuais da região. Foi orador oficial o P. Benjamim Salgado, cuja intervenção viria a público em livro intitulado *A Poesia Mariana de Correia de Oliveira*.

Estava o Poeta já muito adoentado em Julho de 1958, quando o novo Reitor, P. Apolinário Rios, escreveu em "Voz de Antas", sob o título *GRATIDÃO: Se alguém está doente e não pode pagar a receita, se alguém tem fome e não tem com que matá-la, se alguém quer ganhar seu sustento e não tem onde empregar os seus braços, sempre soube que na Quinta estava Alguém que resolveria essas dificuldades.*

Era assim o coração do Poeta.

Foi já doente, de cama no seu quarto, que recebeu os cumprimentos das altas individualidades, entre as quais o ministro da Educação, que vieram a Esposende presidir às Homenagens a D. Maria Adelaide, a 8 de Dezembro de 1959, e a Antas, onde

inauguraram a sua efigie e deram o seu nome à escola de Azevedo.

Ainda fez uns versos a animar o P. Apolinário e os paroquianos a realizarem o sonho de melhorar "a sopa dos pobres", construindo o Centro Paroquial. Os versos *Caldinho dos Pobres*, de 1959, são dos últimos que fez. O entusiasmo do Poeta foi contagiante, a obra fez-se (estamos dentro dela), a pobreza foi mitigada.

Depois de algum sofrimento, minorado pelo acompanhamento de familiares e amigos, passou António Corrêa d'Oliveira à imortalidade, a 20 de Fevereiro de 1960.

De como foi o seu funeral, ainda muita gente se recorda. Presidiu o Sr. Arcebispo, vieram membros do Governo, artistas e escritores. Porém, era composta de gente simples a enorme multidão que o foi ver pela última vez, que o acompanhou à igreja para os ofícios, que ouviu o elogio fúnebre pelo P. Benjamim Salgado e que o trouxe de volta à Capela da Senhora do Rosário para o deixar, em eterno repouso, ao lado de D. Maria Adelaide.

Algumas dessas muitas pessoas terão lido, e até decorado, poemas transcritos para os livros da instrução primária ou para o jornalzinho "Voz de Antas". Não foi, contudo, por ser um grande poeta nem por mera devoção religiosa que o acompanharam à última morada. A maior parte fê-lo por gratidão.

Pese, embora, o esquecimento a que tem sido votada a sua poesia, António Corrêa d'Oliveira está vivo no nosso coração.

Se o esquecemos, e se

até atraçoámos a lealdade que lhe devemos, já ele nos descuiçou, pois foi ele mesmo que, no *Post-scriptum* do **AUTO DO FIM DO DIA**, escreveu:

O mal nos vem por bem; e por aqui

Se pode desculpar negra maldade.

Que já numa traição eu antevi

O grande e doce bem da lealdade...

Não queremos os livros de António Corrêa d'Oliveira encerrados em baús ou apenas alinhados em estantes. Promovemos esta exposição e publicámos este opúsculo para que a curiosidade pela leitura da sua poesia chegue a todos, especialmente aos mais novos.

E que eles, lendo-a e seguindo os seus conselhos, se tornem cidadãos dignos e felizes.

LAUS DEO
Raul Saleiro

AOS SENHORES DA QUINTA DE BELINHO

Versos recitados por D. Ermelinda Pereira de Sá

O nosso grande Poeta,
De coração muito nobre,
Sempre soube respeitar
Do mais rico ao mais pobre.
Usou da sua nobreza
Mas com toda a humildade,
Sempre ajudando a pobreza
Na sua necessidade.
Quando ia à missa ao domingo
Em seu coche, devagarinho,
A todos cumprimentava
Com um gesto de carinho,

Fosse a rico ou fosse a pobre,
Fosse a criança ou velhinho.
Lembro-me dos seus poemas
Que toda a gente cantava,
Fosse no campo ou na igreja
Onde à Virgem se rezava,
Ou mesmo dentro de casa
Quando a lida nos cansava.
Ainda eu era menina,
Mas nunca me esqueceu,
Quando chegou a notícia
Que a Fidalga faleceu.
Dobravam tristes os sinos,
Os da igreja e os da capela,
E toda a gente da aldeia
Chorava a perda dela.
No dia do funeral
A nossa aldeia parou,
Rezando pela "Mãe dos Pobres"
Que na capela ficou.
Era um casal da nobreza
De grande alma e coração:
A qualquer pedido urgente
Nunca dizia que não.
Ficaram os vossos filhos
Sempre praticando o Bem:
Nunca recusaram esmola
E deram, como ninguém,
Terreno p'ró campo da bola,
E p'rás escolas também.

*

A gente da minha idade
Ainda se deve lembrar,
Que é a pura realidade
O que acabei de contar.

Antas, 23 de Julho de 2010

Ermelinda
Pereira de Sá